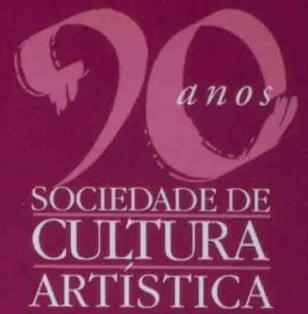


temporada 2002



Orchestre de Chambre de Lausanne

Christian Zacharias

Regência e Piano Solista

temporada 2002

90 anos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Orchestre de Chambre de Lausanne

Christian Zacharias

Regência e Piano Solista

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90

promoção

ELDORADO

FM

92.9

OS MELHORES SOMENOS

patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia

Telefônica

Votorantim



Orchestre de Chambre de Lausanne



Votorantim

www.votorantim.com.br

Desde sua estréia no exterior, em 1949, no Festival de Aix-en-Provence, o conjunto vem empreendendo inúmeras turnês internacionais, que já levaram seus músicos a repetidas e elogiadas apresentações nos Estados Unidos, no Extremo Oriente e na América do Sul. A *Orchestre de Chambre de Lausanne* apresenta-se regularmente também em toda a Europa e é presença constante em importantes eventos musicais europeus, como o *Maggio Musicale Fiorentino*, as Semanas Musicais de Evian e o Festival de Peralada, na Espanha. Há diversos anos que a Orquestra cumpre uma agenda anual de cerca de noventa concertos, realizados em Lausanne, em diversas outras cidades da Suíça e em turnês internacionais.

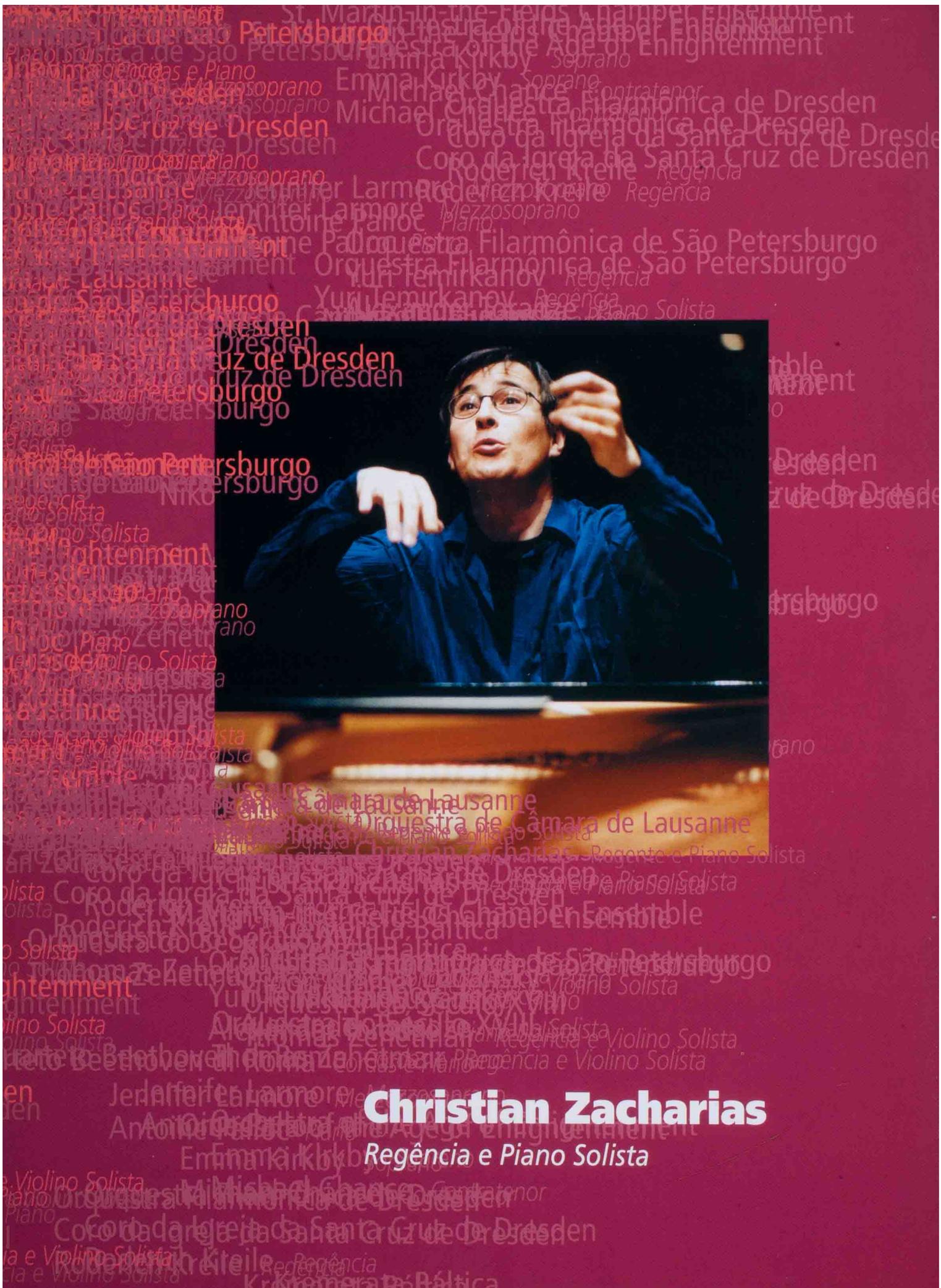
Em 2001, a *Orchestre de Chambre de Lausanne* e Christian Zacharias realizaram uma série de três concertos em que interpretaram todas as obras de Mozart escritas em 1784. Juntos, levaram esse programa aos Festivais Tibor Varga, em Sion, Roque d'Anthéron, na França, San Sebastián, na Espanha, George Enescu, em Bucareste, apresentando-o também na *Alte Oper* de Frankfurt.

A discografia da Orquestra abrange cerca de cem gravações e ganhou novo impulso sob a Direção de Christian Zacharias, que levou a uma nova colaboração do conjunto com a *MDG – Musikproduktion Dabringhaus & Grimm*, de Detmold, Alemanha. Os dois primeiros CDs resultantes dessa parceria já estão disponíveis e contam com Christian Zacharias como regente e pianista em obras de Mozart e Schumann.

A *Radio de la Suisse Romande*, parceira da *Orchestre de Chambre de Lausanne* desde a sua criação, registra a maior parte das atividades da Orquestra, produz alguns de seus concertos e contribui para a sua divulgação difundindo as apresentações do conjunto no circuito radiofônico internacional.

A *Orchestre de Chambre de Lausanne* é subvencionada pela cidade de Lausanne e pelo cantão de Vaud. Recebe também o apoio de importantes fundações e empresas privadas.

Orquestra de Câmara de Lausanne
Christian Zacharias, Regente e Piano Solista



Christian Zacharias

Regência e Piano Solista

Diretor Artístico e Regente Titular da *Orchestre de Chambre de Lausanne* desde o ano de 2000, **Christian Zacharias** nasceu em 1950, na Índia, e dois anos mais tarde radicou-se com sua família, de origem européia, na Alemanha, onde teve Irene Slavin como primeira professora de piano. Depois de completar sua formação musical com Vlado Perlemuter, em Paris, Zacharias obteve o Segundo Prêmio da edição de 1969 do Concurso Internacional de Piano de Genebra, em 1973 conquistou o Segundo Prêmio no prestigioso Concurso Van Cliburn e em 1975 sagrou-se vencedor, em Paris, do Concurso Internacional de Piano Maurice Ravel. Essas premiações abriram-lhe o caminho para concertos com algumas das melhores orquestras da Europa e dos Estados Unidos, dentre as quais a Filarmônica de Berlim, a Sinfônica de Boston, a Filarmônica de Nova Iorque e a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã.

Como regente, Christian Zacharias vem dedicando boa parte de seu tempo à música orquestral de câmara, que tem tocado com a *Orchestre de Chambre de Lausanne* e também com formações como a *English Chamber Orchestra*, a *Scottish Chamber Orchestra* e a *Nederlands Kamerorkest*, com as quais colabora regularmente como Maestro Convidado. A dedicação de Zacharias a esse repertório não exclui suas leituras sempre elogiadas de grandes obras da música sinfônica e de concerto escrita da segunda metade do século XVIII em diante, que tem abordado, como Regente Convidado, ao pódio ou do piano, com orquestras como a Filarmônica de Los Angeles e a Sinfônica de Bamberg.

No ano de 2000, Christian Zacharias celebrou seus 50 anos de vida e a chegada do novo milênio com uma série de apresentações da coleção completa dos Concertos para Piano e Orquestra de Mozart, na dupla condição de regente e solista. A partir da presente temporada internacional de música, o maestro e pianista passou a ocupar também o posto de Regente Convidado Principal da Orquestra Sinfônica de Göteborg.

Por seus recitais e concertos em algumas das melhores salas internacionais de música, por sua extensa e elogiada discografia e por suas festejadas apresentações nos principais festivais de música, Christian Zacharias ocupa lugar de destaque entre os grandes músicos da atualidade.

Série Branca

13 de maio, segunda-feira, 21h

Joseph Haydn (1732 – 1809)

Noturno nº 1, em Dó maior, Hob. II:25

Marcia
Allegro
Adagio
Finale (Presto)

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Concerto nº 2 para Piano e Orquestra,
em Si bemol maior, opus 19**

Allegro con brio
Adagio
Rondo (Molto allegro)

intervalo

Ludwig van Beethoven

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 36

Adagio molto – Allegro con brio
Larghetto
Scherzo: Allegro
Finale: Allegro molto

Série Azul

14 de maio, terça-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

**Concerto nº 22 para Piano e Orquestra,
em Mi bemol maior, K.482**

Allegro
Andante
Allegro

Franz Schubert (1797 – 1828)

**Seis Danças Alemãs,
opus postumu, D.820**

Versão para Piano

I. Lá bemol maior
II. (I. Da capo)
III. (I. Da capo)
IV. Si bemol maior
V. (IV. Da capo)
VI. (IV. Da capo)

intervalo

Schubert / Anton Webern (1883 – 1945)

**Seis Danças Alemãs,
opus postumu, D.820**

Versão Orquestrada de Anton Webern

I. Lá bemol maior
II. (I. Da capo)
III. (I. Da capo)
IV. Si bemol maior
V. (IV. Da capo)
VI. (IV. Da capo)

Franz Schubert

Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, D.485

Allegro
Andante con moto
Menuetto – Allegro molto
Allegro vivace

temporada 2002

Série Verde

15 de maio, quarta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

**Concerto nº 22 para Piano e Orquestra,
em Mi bemol maior, K.482**

Allegro
Andante
Allegro

Franz Schubert (1797 – 1828)

**Seis Danças Alemãs,
opus postumu, D.820**

Versão para Piano

- I. Lá bemol maior
- II. (I. Da capo)
- III. (I. Da capo)
- IV. Si bemol maior
- V. (IV. Da capo)
- VI. (IV. Da capo)

intervalo

Schubert / Anton Webern (1883 – 1945)

**Seis Danças Alemãs,
opus postumu, D.820**

Versão Orquestrada de Anton Webern

- I. Lá bemol maior
- II. (I. Da capo)
- III. (I. Da capo)
- IV. Si bemol maior
- V. (IV. Da capo)
- VI. (IV. Da capo)

Franz Schubert

Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, D.485

Allegro
Andante con moto
Menuetto – Allegro molto
Allegro vivace



**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Academy of St. Martin-in-the-Fields Chamber Ensemble

3 de junho, segunda-feira

Britten Quinteto Fantasia em Fá maior
Mozart Quinteto para Cordas em Dó maior, K.515
Brahms Quinteto para Clarineta e Cordas, opus 115

4 de junho, terça-feira

Nielsen Quinteto em Lá maior
Mozart Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581
Beethoven Quinteto em Dó maior, opus 29

5 de junho, quarta-feira

Nielsen Quinteto em Lá maior
Mozart Quinteto para Clarineta e Cordas em Lá maior, K.581
Beethoven Quinteto em Dó maior, opus 29

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 **Teatro Cultura Artística**

Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística**

Orchestre de Chambre de Lausanne
Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 **Teatro Cultura Artística**

Academy of St. Martin-in-the-Fields
Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 **Teatro Cultura Artística**

Orquestra do Século XVIII
Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 **Teatro Cultura Artística**

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov *Regência*
Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística**

Jennifer Larmore *Mezzosoprano*
Antoine Palloc *Piano*

setembro 9, 10 e 11 **Teatro Cultura Artística**

Orchestra of the Age of Enlightenment
Emma Kirkby *Soprano*
Michael Chance *Contrateno*

outubro 22 e 23 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 **Teatro Cultura Artística**

Kremerata Báltica
Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223

www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

Orchestre de Chambre de Lausanne

Christian Zacharias

Diretor Artístico, Regente e Piano Solista

Violinos

Gyula Stuller
Primeiro Violino Solista
Alexandre Orban
Primeiro Solista dos Segundos Violinos
Julie Lafontaine
Segundo Solista dos Primeiros Violinos
Jernej Arnič
Gabor Barta
Stéphanie Joseph
Piotr Kajdasz
Catherine Suter
Paul Urstein
Iréne Carneiro
Janet Haugland
José Madera

Violas

Amélie Theurillat
Primeira Viola Solista
Michael Murray-Robertson
Segunda Viola Solista
Caio Carneiro
Béla Banyak

Violoncelos

Pablo Loerkens
Primeiro Violoncelo Solista
Catherine Tunnell-Radulescu
Segundo Violoncelo Solista
Philippe Schiltknecht
Christian Volet

Contrabaixos

Marc-Antoine Bonanomi
Primeiro Contrabaixo Solista
Daniel Spoerri

Oboés

Jean-Paul Goy
Oboé Solista
Markus Haeberling
Segundo Oboé

Clarinetas

Thomas Friedli
Clarineta Solista
Curzio Petraglio
Segunda Clarineta

Fagotes

François Dinkel
Fagote Solista
Vincent Godel
Segundo Fagote

Trompas

CorsSantdo Faïta
Primeira Trompa
Andrea Zardini
Segunda Trompa

Trompetes

Olivier Theurillat
Trompeta Solista
André Besançon
Segundo Trompeta

Tímpanos

Arnaud Stachnick
Timpanista

Administração

Patrick Peikert
Administrador
Sabine Volet
Secretária
André Goy
Chefe de Palco
Eric Lavanchy
*Chefe da Produção Musical Radio
de la Suisse Romande – Espace 2*

Agradecemos aos patrocinadores que nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d’Action Artistique
American Express
BankBoston
Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo
CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia
Cigna
Citibank
Daimler Chrysler
Eldorado FM
Indústrias Votorantim
Jornal O Estado de S. Paulo
KPMG
Pechiney
Pinheiro Neto Advogados
Semp Toshiba
Telefonica
Unibanco – Prever
Volkswagen
WestLB Banco Europeu

Joseph Haydn (1732 – 1809)

Noturno nº 1, em Dó maior, Hob. II:25

Figura-chave do Classicismo vienense da segunda metade do século XVIII, Haydn deixou uma obra considerável tanto do ponto de vista da quantidade quanto da qualidade. Destacam-se em seu generoso catálogo sinfonias (108), quartetos de cordas (68), sonatas para teclado (62), canções (52), divertimentos (32), concertos (mais de 30), óperas (26), trios de cordas (21) e missas (14, além de 23 outras obras litúrgicas). Isso para não falar dos quase 400 arranjos que realizou de canções folclóricas.

Através de formas extraordinariamente claras e lógicas, concebidas com notável rigor intelectual, Haydn chegou a uma linguagem a um só tempo densa, elegante, comunicativa e pessoal. Conseguiu, mais do que qualquer outro em seu tempo, transformar a convenção em informação nova e, não raro, surpreendente.

Artesão compenetrado que viveu boa parte de sua existência a serviço de uma corte, a dos aristocratas austro-húngaros Esterházy, Haydn era dono de inesgotável engenhosidade. Estabeleceu modelos em vários gêneros que, de imediato, nortearam a criatividade do amigo mais novo, Mozart, e do seu jovem aluno Beethoven, sobretudo nos domínios da sinfonia e do quarteto de cordas.

Haydn jamais deixou de fazer frente a pedidos e encomendas que lhe eram feitos. Assim, legou-nos curiosidades como a dúzia de peças destinadas ao *Flötenuhr* (flauta-relógio), espécie de órgão mecânico. E como o seu patrão Nikolaus Joseph Esterházy era um aficionado do *baryton* (ou *viola di bordone*), instrumento de múltiplas cordas, de voga passageira, destinou a ele mais de 150 obras.

Outro instrumento que igualmente logo caiu em desuso, a *lira organizzata*, uma espécie de viola de roda em forma de um violão, que tinha cordas, além de tubos de órgão, sendo movida a manivela, mereceu a atenção de Haydn.

É que o Rei Ferdinando de Nápoles a cultivava com muito gosto, chegando a encomendar ao compositor peças destinadas especialmente a ela. Por isso, em abril de 1786, nosso músico remeteu à Itália seis concertos para *lira organizzata* com acompanhamento de outros instrumentos. O monarca ficou tão satisfeito com as partituras que, além de convidar o autor para ir até a sua corte, encomendou-lhe mais obras imaginadas para o seu instrumento predileto. Assim nasceram os oito Noturnos, escritos entre 1789 e 1790. Contemporâneos dos Quartetos *opus* 64 e da Sinfonia "Oxford", esses Noturnos denotam, ao lado da leveza de expressão própria do divertimento, uma certa melancolia também presente em outras obras da época.

O próprio Haydn, em uma de suas estadias na Inglaterra, apresentaria alguns desses Noturnos em arranjos que substituíam a *lira organizzata* por instrumentos de sopro mais usuais e por cordas. Diferentemente das outras obras dessa série, o Noturno nº 1 prefacia os três movimentos habituais de caráter contrastante (*vivo – lento – vivo*) com uma animada marcha. Sua instrumentação requer flauta, oboé, pares de clarinetas e trompas, quatro violas, três violoncelos e contrabaixo.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Concerto nº 2 para Piano e Orquestra, em Si bemol maior, opus 19

Sinfonia nº 2, em Ré maior, opus 36

Beethoven foi um dos artistas mais revolucionários de toda a história da música. Muito atento aos modelos herdados da tradição, sobretudo os fornecidos por Haydn e Mozart, deu a eles uma nova dimensão, que acabou por transfigurá-los radicalmente. Clássico por formação, sua imaginação extraordinária levou-o a prefigurar uma estética que ainda estava para nascer, a do Romantismo, da qual mais tarde seria considerado o desbravador e patrono. Foi com Beethoven que a música se transformou

verdadeiramente em uma narrativa repleta de dinâmica, portadora de uma "mensagem" colocada ao alcance do grande público enquanto testemunho da visão de mundo de seu autor. Essa arte continua soando como uma revelação vital, na qual a presença do Homem em permanente batalha com o destino e as forças da vida social e da natureza evidencia-se de maneira impactante.

No início de sua carreira desenvolvida em Viena, Beethoven mostrava-se ao público como pianista virtuoso e grande improvisador. Na medida em que a surdez ainda não se manifestara, ele levava uma existência feliz, brilhando no cosmopolita meio musical da capital da Áustria. Logo depois, entretanto, sua sorte mudaria de maneira dramática e isso afetaria não só sua vida como também sua linguagem.

O Segundo Concerto para Piano e Orquestra, escrito entre 1788 e 1801, foi publicado nesse último ano. Porque o Concerto *opus* 15 já havia sido entregue ao público, ele ficou conhecido como sendo o segundo do compositor, quando, na verdade, foi o primeiro a ser composto. Beethoven reviu-o em 1809, concebendo uma nova cadência para o movimento inicial. Nele o autor emprega uma orquestra bem pequena, da qual estão ausentes clarinetas, trompetes e timbales, para acompanhar o solista. Se a presença de Mozart é notável em toda a partitura, Beethoven dá a ela o seu cunho pessoal ao empregar dois temas fortemente contrastantes no movimento inicial, ao estabelecer um peculiar clima lírico no andamento lento e ao utilizar contagiantes ritmos de danças populares no rondó final.

A Segunda Sinfonia de Beethoven, datada de 1801/1802, revela um fantástico avanço em relação à Primeira no tocante à ampliação das proporções de sua arquitetura e ao aprofundamento da expressão musical, já portadora de toques personalíssimos. Através da solidez da sua estrutura, essa nova Sinfonia exhibe aquela sensa-

ção de irresistível ímpeto tão característica do autor. Na época, o compositor vivia um instante de abissal crise existencial, em grande parte provocada pelo súbito agravamento da surdez, que o levou a pensar até mesmo em suicídio. A partitura, contudo, não contém traços desse funesto quadro biográfico.

Uma enorme e solene introdução lenta prefacia o *Allegro con brio* inicial, dominado por grande energia rítmica. O *Larghetto* que vem em seguida alterna um motivo "puro e cândido", como diria Berlioz, a um outro leve e dançante, emprestando a esta seção um clima de devaneio. Em vez do esperado minueto, Beethoven oferece então um condimentado *Scherzo*, muito agitado, que tem um *Trio* contrastante de aspecto a um só tempo popular e agreste. O *Finale: Allegro molto*, considerado "monstruoso" por alguns dos contemporâneos do artista, é um rondó bastante livre. Nele, o tema básico do refrão, fogoso, é alternado a episódios contrastantes que denotam extraordinária imaginação. E é com muito vigor e energia que a obra chega ao seu fim.

Wolfgang Amadeus Mozart
Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)
Concerto nº 22 para Piano e Orquestra, em Mi bemol maior, K.482

São muitas as razões que levaram a posteridade a colocar o nome de Mozart em um patamar altíssimo, entre os maiores músicos ocidentais de todos os tempos. E se, enquanto ele ainda era vivo, foram levantadas muitas vezes críticas negativas em relação à sua música, com o passar dos anos ela acabou por se tornar uma espécie de unanimidade universal. Diante dela, só parece ser mesmo possível prostrar-se como que em face de um milagre inexplicável, talvez proveniente de uma outra esfera e como que situada fora do espaço da banal quotidianidade.

O encanto, a fartura e a originalidade da invenção melódica; a elegância a um só tempo sábia e intuitiva das formas dominadas com se-

gurança e suprema imaginação; e a profunda riqueza da sua paleta expressiva, permanentemente renovada – tudo leva a crer que esses elementos se encontram na base do culto que o público devota a essa arte singular, numa palavra, única.

Mozart deixou, literalmente, obras-primas indiscutíveis em todos os gêneros que abordou. E, no domínio do concerto para piano e orquestra, que cultivou desde a época em que era um menino-prodígio mostrado ao mundo pelo orgulhoso pai, legou-nos dezenas de exemplares de incomum beleza. Nem antes nem depois da sua intervenção é possível localizar no repertório alguma obra que se iguale às que ele aí criou. Isso no que se refere ao perfeito equilíbrio estabelecido entre o solista e a orquestra, no tocante à renovação dos modelos formais visitados, e com frequência reinventados, e à abundância das idéias colocadas em jogo na simultaneamente densa e comunicativa trama musical.

O Concerto em Si bemol, completado em Viena, no dia 16 de dezembro de 1785, faz parte do derradeiro grupo de obras nesse formato, com as quais o compositor sempre pretendeu conquistar o difícil público da capital vienense. Premido pela permanente necessidade financeira, Mozart escreveu-o com a habitual presteza, na medida em que pensava em mostrá-lo logo à plateia diante da qual se exibiria como solista e regente da nova partitura. E, ao menos nessa ocasião, foi recompensado, pois, à sua primeira audição, ocorrida uma semana após seu término, a obra foi enormemente aplaudida, a ponto de ter sido necessário bisar o *Andante*.

As constantes mudanças de tonalidade (Dó menor para o movimento lento, Lá bemol para a primeira seção do *Finale*) conferem a esse concerto uma fisionomia particular, aliando “mistério poético” e “tom trágico”, no dizer de Jean e Brigitte Massin. Seu desenho formal pode lembrar o do Concerto “*Jeunehomme*”, de 1777, mas seu campo expressivo, ao qual não falta nem mesmo um motivo análogo ao

encontrado na movimentada abertura da ópera *As Bodas de Figaro*, é bem outro. A ardente amplidão do movimento inicial, a meditação dolorosa do andamento lento e a sólida afirmação de individualidade do rondó final, cheio de virilidade, de alegria e de esperança, apontam para isso. Não foi por acaso que um estudioso da obra de Mozart denominou esse concerto de “real”.

Franz Schubert (1797 – 1828)

Seis Danças Alemãs.

opus postumu D. 820

Versão para Piano e

Versão Orquestrada de Anton Webern

Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, D. 485

Schubert foi, ao lado de Mozart, um dos compositores mais naturalmente musicais de quem se tem notícia. Como o colega mais velho de Salzburgo, praticamente nasceu escrevendo música, dedicando a ela o fundamental de uma infeliz e excessivamente curta existência. Como Mozart, ele literalmente jorrava música. E como as idéias vinham-lhe à mente com atordoante fartura, tomando aí o lugar daquelas em que trabalhava no momento, acabou por deixar centenas de partituras inacabadas. Entretanto, o que ele nos legou possui a incomparável originalidade da linguagem, ostentada em obras-primas dentro de quase todos os gêneros, algo que garantiu ao seu nome a glória póstuma e tardia.

O estilo de Schubert – concretizado principalmente através de um melodismo único, de um lirismo rigorosamente inédito, entre ingênuo e patético, de cambiantes e inesperadas combinações harmônicas e de uma vívida rítmica de inspiração popular – confere à sua produção um sabor já romântico. Mas tal impressão é desmentida pelo permanente apego que o autor sempre revelou às formas do Classicismo, do qual hoje nos parece ter sido o último representante de fato genial.

O piano, que ele jamais conseguiu ter um só seu, foi o companheiro de todas as horas de

Schubert. Utilizou-o com freqüência em sua música de câmara e nas mais de 600 canções que compôs. E enquanto solista, para duas ou quatro mãos, empregou-o em centenas de peças, dentre as quais se destacam sonatas, improvisos, fantasias e variações.

Nos vários gêneros de dança – minueto, *ländler*, valsa, escocesa, dança alemã –, Schubert legou-nos mais de 400 exemplares. As Seis *Deutsche Tänze*, D.820, foram escritas para as jovens Karoline e Marie Esterházy, das quais o artista era então professor, em outubro de 1824. Essas Danças Alemãs são agrupadas em duas séries – as três primeiras na tonalidade de Lá bemol maior, as três outras em Si bemol maior. Na medida em que elementos das primeiras danças de cada grupo reaparecem nas que as seguem, pode-se dizer que esse ciclo, no fundo, constitui-se de duas danças, cada uma delas seguida de dois trios.

Ardoroso admirador de seu conterrâneo, Anton Webern (1883 – 1945), o mais radical compositor da primeira metade do século XX, orquestrou as então recém-redescobertas Seis Danças Alemãs, D.820, entre maio e junho de 1931. Em uma das únicas vezes em que abordou a orquestra tradicional *au grand complet*, Webern deu um toque pessoal à instrumentação ao destacar do *tutti* um quarteto de cordas solista.

Mesmo incompleto, em parte inacabado, o ciclo sinfônico de Schubert ergue-se, hoje, como um dos efetivamente fundamentais de sua época. Pelo menos duas das derradeiras experiências do autor nesse gênero – a Sinfonia “Inacabada” e a “Grande Sinfonia” em Dó maior – podem ser colocadas, sem favor, ao lado das congêneres de Beethoven. E elas estão muitíssimo acima de tudo o que outros compositores escreveram nesse mesmo período no domínio sinfônico. Por outro lado, nas sinfonias que compôs durante a adolescência, quando ainda era estudante, mesmo que nelas se encontrem influ-

ências de Haydn e Mozart, há um sopro pessoal que as perpassa de maneira radiosa e vital.

A Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, D.485, é uma ensolarada obra-prima escrita aos 19 anos. Nela, a forma é erigida com rigor e graça, a escritura orquestral concebida com muita cor e transparência, e, acima de tudo, a generosidade da cintilante invenção melódica, que tudo banha, cativa o ouvinte a partir dos primeiros compassos. Isso porque, logo em seu início, é oferecido a quem tem ouvidos um lindo tema, como que caído do céu na sua inexplicável beleza. Especialmente notáveis são, também, o clima pastoral do movimento lento, a elegância com toques rústicos do Minueto e a desbordante alegria do *Allegro vivace* final, repleto de juventude e de genial vivacidade.

Edição Rui Fontana Lopez

Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida

Foto (Christian Zacharias) Marc Vanappelghem

Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística

Tradução Eduardo Brandão

Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde

Fotolitos e impressão OESP Gráfica



DM9003

Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.

Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

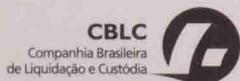
Telefonica



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.